

A ESCRITA COMO TRABALHO

Operações e meta-operações de construção de textos

João Wanderley Geraldi
(IEL/UNICAMP)

A palavra está, fundamentalmente, alienada ao outro como a imagem ao espelho, porque aquilo que procuro na palavra é a resposta do outro que me irá constituir como sujeito: a minha pergunta fundamental ao outro diz respeito a onde, como e quando começarei a existir na sua resposta. Aparecem, aqui, duas funções da palavra intimamente ligadas; a mediação para o outro e a revelação do sujeito.

(Roland Barthes e Eric Marty)

No quadro de uma concepção sócio-interacionista da linguagem, poder-se-ia propor uma compreensão do processo de elaboração de textos como uma forma, materializada na língua, de "retorno" ao inter-individual do que se tornara intra-individual. Neste sentido, o trabalho conjunto, embora materialmente realizado por um indivíduo, revela um movimento contínuo e recursivo entre inter-intra-inter-individual.

Uma tal hipótese nos permitiria "olhar" para a materialidade lingüística do texto e nela detectar suas inscrições lingüístico-discursivas, sem que isso signifique que uma destas materialidades contenha a outra, como se o discursivo, do exterior, se inscrevesse na "linguagem" do texto, linguagem espessa e transparente que, uma vez atravessada, permitiria detectar uma outra materialidade que a sustentaria pelas remessas aos sistemas de referências antro-po-culturais onde os recursos expressivos adquiririam seus "verdadeiros" sentidos. Um texto não existe sem materializar-se nos recursos expressivos que nele trabalham; estes, por seu turno, não existem fora de sua remessa a sistemas de referências. Ambos, recursos e sistemas, constituem-se concomitantemente. Neles e com eles nos constituímos como sujeitos: "a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos. [...] A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis", como ensina Bakhtin (1929/1981, p.33-34).

Assim, é apenas o recorte de interesse da análise que separa estas duas materialidades, uma constitutiva da outra. Ou seja, não há de um lado um sistema de referências antro-po-cultural (as diferentes Formações Discursivas) em que os recursos expressivos adquiririam seu sentido. Este sistema não existiria sem tais recursos expressivos; estes recursos não seriam recursos expressivos fora daquele sistema. Na construção de textos mobilizam-se, portanto, concomitantemente estas duas materialidades, concebidas como duas apenas como consequência do recorte analítico que releva dos interesses de diferentes programas de pesquisa.

Por outro lado, não se pode imaginar que cada sujeito, por constituir-se nos processos interacionais de que participa, tornando intra o que antes fora inter-individual, torna-se por

isso mesmo cópia em carbono do (s) Outro (s): "A atividade mental do nós não é uma atividade de caráter primitivo e gregário: é uma atividade diferenciada. Melhor ainda, a diferenciação ideológica, o crescimento do grau de consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior" (op.cit., p. 115).

As contradições internas deste mundo social, os diferentes acentos apreciativos que nele circulam estão a mostrar diferentes nuances nas compreensões que produzimos dos mesmos fatos. Estas compreensões, enquanto respostas construídas com base nos signos já internalizados, desvelam nossas contra-palavras às palavras dos outros, nossas diferenciadas (às vezes muito pouco) articulações dos elementos do elo ininterrupto da cadeia semiótica. E por isso que na "minha" palavra me (re)velo na contra-palavra do outro que me constitui como sujeito.

Esta também a razão para se afirmar a existência de um trabalho do sujeito: o presente, marcado pelo passado, é também história, e não mera repetição. Na tensão entre o mesmo e o informulável, os sujeitos vão formulando o presente — frágil, fluido, coerentemente incoerente. É por isso também que se pode falar da escrita (e da fala) como trabalho.

Seguramente, algumas das operações ou meta-operações realizadas pelos sujeitos na atividade de produção e compreensão de discursos materializados em textos podem resultar de uma atividade explícita de recusa ou inscrição numa determinada Formação Discursiva (penso, por exemplo, na operação de substituição de um item lexical por outro, como no par o crime da Candelária/ a chacina da Candelária). Alguns dos dados aqui apresentados, "olhados" a partir desta perspectiva, mostram momentos cruciais de emergência de elementos empíricos comprovadores da produtividade do trabalho discursivo. É preciso, no entanto, que não nos deixemos cegar por tal produtividade, pois aceitar a existência de dispersão e descontinuidades nos discursos implica aceitar também que o trabalho discursivo e criativo, o que leva a deslocar certas compreensões da noção de formação discursiva como se cada uma delas fosse monoliticamente constituída, definindo para sempre o dizível e o indizível, delimitando territórios cujas fronteiras jamais são ultrapassadas -- tal noção, assim compreendida, permitiria somente dar conta de um dos aspectos do trabalho discursivo, aquele do mesmo, do repetível, da paráfrase.

Outras operações ou meta-operações (estas, neste grupo de trabalho, estão sendo denominadas de "operações de refacção de textos") resultam de atividades epilingüísticas que incidem sobre os recursos expressivos enquanto sistematização aberta e por isso mesmo relevam muito mais da relativa autonomia da língua e seriam exemplos concretos de "ações da linguagem" presentes nas ações que se fazem com a língua e sobre a língua (Geraldí, 1991). Nestas, a produtividade dos processos discursivos, manifestando-se inclusive em micro-elementos, remetem muito mais ao "sistematizado" e, ao fazê-lo, paradoxalmente mostram lugares/aberturas de possíveis deslizamentos (que a escola, obviamente, apressa-se em fechar). Se tal produtividade se presentifica na escrita de textos — e portanto numa relação inter-individual, já que toda a escrita é uma proposta de leitura —, uma pergunta é essencial: o que tais ocorrências, no seu gesto individual de construção, revelam da atividade mental do nós, uma atividade intra-individual?

A hipótese de trabalho aqui assumida é a de que os gestos de autocorreção, nos diferentes níveis em que se manifestam, revelam na atividade do eu a presença do OUTRO, típica de toda ação da linguagem. Assim:

1. A L (na forma de U) de Lia (exemplo de Mayrink-Sabinson) estaria revelando a "configuração" material do desenho gráfico da própria letra que, internalizado pela criança, lhe fornece critérios de avaliação de suas próprias representações gráficas como bem ou mal sucedidas. Aqui, o OUTRO é de tal modo presente na memória visual do eu, que ele mesmo fornece a contra-palavra (no sentido bakhtiniano do termo) de avaliação/compreensão do gesto gráfico e de seu produto.

2. No exemplo da "borboleta" (exemplo de Mayrink-Sabinson), a primeira tentativa de escrita apresenta um produto com um A final "inclinado"; atenta a este A que pretende "corrigir" (e esta é uma condição de produção que tem sido pouco explorada nos estudos em análise do discurso), a criança produz a seqüência PA, rejeitada (note-se a rejeição explícita pelos riscos sobrepostos à escrita feita) porque já na primeira tentativa havia entre P e A um R; a terceira e definitiva escrita se dá agora com condições de produção diferentes: uma dupla atenção, sobre R e A, precisamente os "desenhos gráficos" mais bem cuidados desta terceira escrita. Também aqui o Outro se presentifica face à imagem gráfica de letras, internalizada pela criança, e a esta presença soma-se, na segunda e terceira escritas, à presença material das tentativas anteriores.

NO NÍVEL DA SÍLABA

1. O exemplo das autocorrekções da palavra MONSTRO (exemplo de Abaurre) mostra que, na terceira ocorrência da palavra (registrada Mosrto), a criança percebeu a complexidade da sílaba, registrando mais um símbolo gráfico. Leitora de si própria (como somos ouvintes de nós mesmos), retornou às duas ocorrências anteriores e acrescentou R na mesma posição (antecedendo T). Note-se que estes Rs estão "esprimidos" entre o S e o T, o que mostra tratar-se de um acréscimo posterior. É interessante observar aqui que o próprio autor é leitor de si mesmo, e é enquanto leitor — um Outro de si próprio — que o autor autocorrigi-se. Observe-se, também, que a incorporação da representação escrita da palavra ainda não se fixou, pois nas duas ocorrências seguintes a autora volta a escrever MOSTO para MONSTRO. Trata-se, efetivamente, de um processo ainda em aquisição em termos do sistema alfabético de base em relação à estrutura silábica.

NO NÍVEL ORTOGRÁFICO

1. As ocorrências de autocorrekções das palavras VOCÊ, NOSSO e SAUDADES (exemplos de Abaurre) mostram a aproximação da autora às convenções ortográficas. Falar em convenção é falar já no OUTRO.

NO NÍVEL DA FRASE

1. A variação nas concordâncias nominais (os brancos, os branco, o pretos) mostra não só a presença da gramática da oralidade, que em certas variedades apenas marcam o plural no determinando, mas também o processo escolar de aprendizagem formal de outra variedade lingüística, o que leva a uma variação e à presença do sintagma "o pretos", possivelmente menos freqüente na oralidade. Titubear entre uma e outra forma é resultado

óbvio de contrapontos e revela que também nas variedades lingüísticas há circulação de formas. As diferenças podem identificar cada variedade, mas as semelhanças mostram seus entrecruzamentos.

2. No mesmo texto, além de outros exemplos — uso de pronomes oblíquos, entre outros — é interessante a ocorrência de OS ESCRAVAM. Como se sabe, na variedade culta da língua portuguesa há, no mínimo, dois morfemas para marcar o plural: S e M, este de uso exclusivo para verbos. A autora do texto usa uma marca específica do verbo num substantivo. Mais do que um erro, o exemplo mostra uma compreensão do sistema da língua. Provavelmente, não encontraríamos tal ocorrência na fala, e sua presença na escrita revela atenção às sistematizações gramaticais do português.

NO NÍVEL DO TEXTO

1. Os dados aqui apresentados relevam ora do jogo entre o plano do narrado e o plano do comentário, que se apresenta de forma diferente em cada uma das versões (exemplo de Salek Fiad), ora da inscrição efetiva numa formação discursiva (no exemplo de Abaurre, quando o autor se assume como personagem da narrativa, ao corrigir "minha filhinha" para "meu filho" está, ao mesmo tempo, revelando uma certa concepção de família). Atenho-me ao texto de Lia (exemplo de Mayrink-Sabinson), uma vez que ele mostra que a criança faz hipóteses de escritas no nível da palavra, mas é capaz também de colorir um texto escrito pelo outro (no caso a mãe, enquanto personagem "coelhinho"), sobrepondo-lhe um novo texto ao deixar visível somente o que era antes "despedida" e que passa a ser, neste novo texto, uma "saudação". Ao assumir a escrita do outro, a autora a recontextualiza e por isso mesmo a ressignifica. Aqui o Outro, materialmente presente para dar lugar ao novo texto "BEIJOS COELHINHO", agora remetido por Lia ao mesmo "coelhinho" que dela assim se despedira no texto original.

Estas operações e meta-operações de construção de texto mostram que a atividade de "refacção de textos" se dá por quatro grandes tipos de trabalhos sobre os recursos expressivos: a substituição, o apagamento, o deslocamento ou o acréscimo. Estes quatro tipos de meta-operações estão a indicar um caminho metodológico possível para a prática de produção de textos na escola, desde que o professor se torne leitor e co-autor dos textos de seus alunos.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1981.
- FIAD, R.S. (1990) "Operações lingüísticas presentes na reescrita de textos". Comunicação apresentada no IX Congresso Internacional da ALFAL. Campinas, agosto de 1990.
- GERALDI, J.W. (1991) **Portos de Passagem**. São Paulo, Martins Fontes.